

# PALAVRA QUE UNE

SÉRIE QUARESMA/PÁSCOIA 2025 | 23 de março 2025

## A CRUZ COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO

Nº3

O mistério da Cruz e o convite a tomar a própria cruz. (cf. Mt 16,24)

**P.e João Maria**

No tempo de Jesus, a morte por crucifissão, além de ser um sacrifício extremamente cruel, era o castigo mais vergonhoso, humilhante e infame, que estava reservada para os estratos inferiores da população, entre os quais se contavam escravos e malfeitores.

Não admira, portanto, que a primitiva comunidade cristã tenha sentido necessidade de justificar, perante judeus e pagãos, a paixão e morte de Jesus, procurando fazer-lhes compreender que a paixão e morte estavam nos planos do Pai, que, tendo ressuscitado Jesus de entre os mortos, tinha retificado e confirmado de forma definitiva a sua pessoa, a sua missão e mais ainda o modo como Ele a tinha levado a cabo.

Ainda assim, a pergunta permanece: como justificar que Deus vincule a sua ação, a sua presença no interior da história humana precisamente a este acontecimento – a morte de Jesus de Nazaré na cruz, uma vez tal acontecimento surge diante do nosso olhar como algo tão longe de Deus e tão impróprio d’Ele? Diante da afirmação bíblica “Deus é Amor”, como justificar o mal e o sofrimento que oprimem o homem? Por que razão a resposta de Deus ao sofrimento humano é dada apenas através da cruz de Cristo?

S. Paulo afirma na primeira Carta aos Coríntios: “Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são

chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens” (1Cor 1,22-25).

Se nos ativermos à sabedoria meramente humana, a cruz é, e jamais poderá deixar de o ser, um acontecimento irracional e insensato. Paradoxalmente, isso não impede que ao mesmo tempo possa manifestar plenamente a sabedoria de Deus. Uma vez que, tanto judeus como gregos consideram a cruz de Cristo como um acontecimento que nada tinha que ver com Deus, o Apóstolo Paulo aceita a acusação de “loucura” que fazem à sua pregação, para a transformar de mancha infame, segundo a mentalidade humana, em distintivo da verdade e garantia de eficácia do Kerigma.

Apesar disso, nunca poderemos esconder a dificuldade que surge da rejeição sofrida pelo Messias que acaba “fracassado”, morrendo na cruz, incapaz de se salvar a si próprio, a quem Deus abandona justamente quando deveria intervir prodigiosamente para desmentir o juízo condenatório dos presentes, como podemos ver nos insultos que nos contam as narrativas da Paixão (ver Mt 27,39-44 e par). Mas, justamente, esta loucura e debilidade constituem o modo de que o Pai Se serviu para Se manifestar e salvar o mundo, mostrando a diferença entre o caminho percorrido por Cristo e os outros caminhos. Deste modo, a cruz não é apenas a consequência

inevitável, a conclusão do modo como Jesus viveu no meio de nós, afrontando o status quo, ou os poderes da sociedade do seu tempo, mas é a expressão máxima da sua existência e missão. Ele próprio afirmou: “o Filho do homem não veio para ser servido para servir e dar a vida” (Mc 10,45). Neste sentido, a cruz constitui o modo pelo qual Jesus leva a cabo a missão que o Pai lhe confiou (Jo 19, 30).

Com a sua vida, oferecida livremente e por amor – “a minha vida, ninguém me tira, sou Eu que a ofereço livremente” (Jo 10, 18), Jesus humilha-Se a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte de cruz (Fl 2,8), amando até Se entregar completamente por nós (Gl 2,20) e, deste modo, Se transforma em ícone do amor de Deus: “nisto conhecemos o amor: Ele, Jesus, deu a sua vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos” 1Jo 3, 16).

Torna-se assim mais claro que o valor redentor do sofrimento de Cristo, ou a “eficácia salvadora” da cruz (Ef 2, 14-18) só pode ser entendida corretamente em relação com o amor e a obediência de Jesus Cristo.

O teólogo suíço, von Balthasar, falecido no final da década de 90, escreveu um livro intitulado “Só o amor é digno de fé”, onde afirma que só a beleza do amor de Deus encarnado, a Beleza do amor revelado na Cruz, salvará o mundo. Na verdade, a cruz não nos salva pelo sofrimento que a caracterizou, pois, o sofrimento, em si mesmo, não tem qualquer valor redentor.



Mas a cruz de Cristo salva-nos, na medida em que ela é a expressão máxima, condensada, dum amor infinito de Deus pela humanidade que se manifesta deste modo extremo.

A esta luz entendemos também o convite de Jesus dirigido aos cristãos, para O seguirmos, carregando a cruz todos os dias (Lc 9,23; Mt 16,24), o que significa ser-Lhe fiel a todo o custo, descentrando-nos de nós mesmos para colocar Cristo, o Evangelho e os outros no centro da nossa vida, assimilando progressivamente os “sentimentos” de Cristo Jesus (Fl 2,5).

Quando a Igreja anuncia Cristo crucificado às pessoas de hoje, em especial aos que sofrem, deve ser capaz de orientar o seu olhar para Ele, ajudando-as compreender que n’Ele podem ver, reencontrar e reconhecer o próprio rosto, a própria imagem, de modo que cada ser humano possa considerar Jesus não apenas como solidário consigo, próximo de si, mas também semelhante a si.

A esperança que depositamos em Cristo Crucificado ganha sentido apenas na medida em que está justificada e sustentada pela fé no mesmo Cristo. Ou seja, apenas na medida em que se funda na certeza da vitória de Jesus sobre o pecado, a dor e a morte, pelo sacrifício da sua vida, que consumou na cruz “de uma vez por todas” (Hb 7,27) e alcançou a eternidade pela força da ressurreição. Contemplamos O Crucificado, mas sabemos que ressuscitou, que venceu aquele momento; que o sofrimento, a dor e a morte não tiveram sobre Ele a última palavra.

Todos os que experimentam o peso do sofrimento que comumente designamos como

“levar a cruz” devem tomar consciência de que confiar em Jesus significa reconhecê-l’O como o Senhor que, intervindo com o seu poder regenerador e vivificante, os resgata do domínio escravizador do mal, ainda que nem sempre os livre do sofrimento nem de experimentar a debilidade e fragilidade humanas.

Na Mensagem para o Dia Mundial do Doente, em 2014, o Papa Francisco escrevia: “ao lado, aliás, dentro do nosso sofrimento está o de Jesus, que carrega conosco o seu peso e revela o seu sentido. Quando o Filho de Deus subiu à cruz destruiu a solidão do sofrimento e iluminou a sua escuridão. Desta forma somos postos diante do mistério do amor de Deus por nós, que nos infunde esperança e coragem: esperança, porque no desígnio de amor de Deus também a noite do sofrimento se abre à luz pascal; e coragem, para enfrentar qualquer adversidade em sua companhia, unidos a Ele”.

Salvar-se é sentir-se amado por Deus, unir-se a Ele até formar uma única realidade, na medida em que isso é possível. Estabelecer diálogo, ser interpelado, responder. Ao amar o homem, Deus reconcilia-o consigo, justifica-o, torna-o filho e transforma-o interiormente; numa palavra, salva-o, se o homem se abre a Ele. O amor torna-se presente de modo especial na morte e ressurreição do Filho... Cristo ama-me e por isso vai até à morte. Cristo ama-me e por isso mesmo e nisso mesmo me dá a sua vida de Ressuscitado. (Cf. PASTOR-RAMOS, Federico – La salvación del hombre en la muerte y resurrección de Cristo. Ed. Verbo Divino, Pamplona 1991, 141-142).

## NUMA PALAVRA...

*Antonino Dias, Bispo Diocesano*

A parábola da figueira convida cada um a pensar e a decidir. Ninguém pode viver preocupado apenas com a salvação dos outros, esquecendo a sua. A figueira é cada um que ouve a Palavra de Deus. E há um cuidado muito especial com figueira. O dono quis que tivesse um solo excelente, o da sua vinha. Com tantos cuidados para com ela, esperava uma resposta positiva. E teve paciência na espera: três anos!. O vinhateiro, porém, pede mais um ano para a cuidar e tentar que ela dê fruto. É uma ação verdadeiramente extraordinária que as figueiras não costumam ter. E tanto mais que esta está plantada num terreno privilegiado, o da vinha. Se a figueira é cada um de nós que ouve esta parábola, temos de reconhecer o cuidado especial e a preocupação que Deus tem por cada um de nós ao longo da vida, devendo nós dar frutos em consonância.

Deus, na sua misericórdia infinita, não desiste de nós, mesmo quando nos afastamos e permanecemos indiferentes ao seu amor e cuidado. Dá-nos sempre mais uma oportunidade para crescer e dar fruto, isto é, para nos convertermos. No entanto, a possibilidade da conversão não é ilimitada. Por isso, é necessário acolhê-la com alegria e entusiasmo. Deus que nos revela o seu nome, presta-nos atenção e cuidados sem medida, é o Deus compassivo e generoso, lento para a ira e rico em misericórdia e fidelidade» (Ex34,6).



**475 ANOS**  
BISPADO  
PORTALEGRE